

“O VERBO SE FEZ CARNE E ARMOU A SUA TENDA NO MEIO DE NÓS” (Jo 1,14)

Tomaz Hughes

Quarenta anos atrás, um dos pioneiros dos Meios de Comunicação de Massa do Brasil, o Chacrinha, tornou famosa a sua celebre frase “quem não se comunica, se trumbica!” Sem comunicação a vida humana, a sociedade, não seriam viáveis. Às vezes esquecemos que o modelo da verdadeira comunicação é o próprio Deus em que nós acreditamos – pois, além de ser um Deus Trindade, ou seja, comunicação perfeita entre as três pessoas, na diversidade, Deus comunicou a sua própria vida através da criação. É importante notar que nas páginas da História do Povo de Deus, refletida e transmitida nas páginas da Escritura, Deus nunca é um Deus “em si”, mas sempre um Deus “em relação com”. O Deus bíblico não é o Deus dos filósofos e deístas, distante e imutável, sem interação com a história humana, mas um Deus em permanente relação com a sua criação, com as pessoas, com o desenrolar da história. A Shekiná, em todas as suas variadas acepções e manifestações, nada mais é do que a comunicação de Deus ao seu povo da sua presença vivificante, libertadora e salvadora.

Como a humanidade é criada “na imagem e semelhança de Deus”, a comunicação torna-se também a atividade primordial de todo ser humano, e o seu instrumento privilegiado é a *palavra*. Diariamente somos sujeitados a uma enxurrada de palavras, que muitas vezes servem para ofuscar a verdade e desvirtuar a justiça, funcionando como instrumento de opressão, em lugar de solidariedade humana. Assim, é bom refletir sobre o conceito que está atrás do termo “Palavra”.

Obviamente, a primeira referência para nós é a Palavra de Deus, com destaque para a sua Palavra comunicada através da Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, o tema da Palavra Divina não é objeto de especulação abstrata, como é o caso com outras correntes de pensamento, por exemplo, o “Logos” dos filósofos alexandrinos. É antes de tudo um fato experimental: Deus fala diretamente aos homens e mulheres, ao seu povo e a toda a humanidade.

A Palavra de Deus é comunicação, autoexpressão e acontecimento salvífico. Por isso podemos afirmar que a própria criação assinala o começo da história da autocomunicação e ação salvadora de Deus. Assim podemos afirmar que a Palavra de Deus pode ser considerada sob dois aspectos indissociáveis, mas distintos: *ela revela e ela age*. Ela revela quem é o verdadeiro Deus, pelo que Ele faz. O Deus dos hebreus é um Deus que se revela na ação da sua Palavra criadora, congregadora e libertadora. Isso fica claro no texto que podemos considerar a chave de toda a Escritura, pois o resto da Bíblia é consequência daquilo que ela revela: “*Eu vi muito bem a miséria do meu povo*”

que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios” (Ex 3,7-8).

Esse “*descer*” do Deus bíblico tem seu auge na Encarnação, como lemos no Prólogo do Quarto Evangelho, no nosso texto de reflexão: “*No início era a Palavra, e a Palavra estava com Deus... e a Palavra era Deus... e a Palavra se fez carne e armou sua tenda no meio de nós*” (Jo 1,1.14).

O auge do projeto de Deus acontece quando essa palavra se fez homem, armou a sua tenda (ou acampou) entre nós. O verbo grego usado *'eskênôsen* deriva-se do termo *skêne*, que significa uma tenda de campanha. Na visão do Quarto Evangelho, a Palavra, o Verbo Divino, “*armou sua tenda*” no meio da humanidade, não “*ergueu o seu Templo!*” Templo é fixo, tenda é móvel, ou seja, aonde anda o povo, lá estará a Palavra Viva de Deus, encarnada na pessoa e projeto de Jesus de Nazaré. Nele e por ele a Palavra age, operando a salvação aqui na terra. Podemos afirmar que o mistério da Palavra tem agora como centro a pessoa de Jesus Cristo, inseparável da sua missão e projeto. A Shekiná agora não é nem coluna de fogo nem nuvem, mas uma pessoa – Jesus de Nazaré, o Verbo Divino Encarnado, que viveu entre nós e como nós, igual a nós em tudo, menos o pecado, e que continua presente entre nós na comunidade dos seus discípulos/as, pois como Ele mesmo disse no Discurso Eclesiológico no Evangelho de Mateus “*onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles*” (Mt 18,20).

O olhar de fé

Para enxergar essa presença viva de Deus no meio de nós é mais do que necessário o olhar de fé. Pois a encarnação tornou-se o divisor das águas para a humanidade. O Prólogo de João afirma que “*a Palavra estava no mundo, o mundo foi feito por meio dela, mas o mundo não a conheceu*” (Jo 1,10). Assim o nosso texto desafia qualquer acomodação que porventura possa existir entre os cristãos, pois “*acolher*” a Palavra Encarnada não é em primeiro lugar uma crença intelectual, mas o assumir um projeto de vida, o seguimento de Jesus de Nazaré. É uma adesão radical à pessoa e à missão de Jesus continuada em nós hoje. Como Jesus proclamou no Sermão da Montanha, “*nem todo aquele que me disser ‘Senhor, Senhor!’ entrará no Reino de Deus, mas aquele que cumprir a vontade de meu Pai do Céu*” (Mt 7,21).

O nosso texto do Prólogo de João nos anima para que não esfriemos no seguimento de Jesus, e nos assegura: “*Aos que a receberam, os tornou capazes de ser filhos de Deus, os que creram nele, os que não nasceram do sangue, nem do desejo da carne, nem do desejo do homem, mas de Deus*” (Jo 1,12s).

Para o próprio Jesus, o processo da fé não foi algo automático. A Epístola aos Hebreus enfatiza claramente o processo pelo qual Jesus passou, quando diz: “*Embora sendo Filho de Deus, aprendeu a ser obediente através dos seus sofrimentos*” (Hb 5,8).

Vale a pena lembrar que o sentido mais profundo do termo “obediente” vem do Latim “*ob-audire*”, que é escutar ou ouvir a vontade de Deus – e pô-la em prática! Ou seja, é mais uma obediência profética (fazendo da vida de Jesus uma expressão viva da

Palavra e Vontade de Deus), do que meramente disciplinar, como muitas vezes foi entendida na prática da Igreja. Dentro desse processo, não há dúvida que a Palavra de Deus nas Escrituras judaicas teve um lugar de destaque para Jesus. Durante trinta anos, Jesus alimentou a sua espiritualidade, a sua fé, nas mesmas fontes do povo sofrido do interior da Palestina – na espiritualidade dos *'anawim*, os “pobres de Javé”, que davam destaque especial para o Segundo e o Terceiro Isaías. Segundo Zacarias e Sofonias, que fomentavam esperança e coragem, afirmando a presença de Javé libertador entre os pobres e aflitos (p. ex.: os quatro cantos do Servo de Javé: Is 42,1-9; 49,1-9a; 50,4-11; 52,13–53,12; além dos textos de Is 61,1-11; Zc 9,9-11 e Sf 3,11-13). Foi no confronto e diálogo entre a Palavra de Deus, transmitida nas Escrituras através dessas vozes proféticas e a realidade dura do seu povo sofrido e explorado, que Jesus clareou e concretizou a sua identidade e missão, fazendo com que, segundo Marcos, a prisão de João Batista fosse o sinal para que ele assumisse o manto profético messiânico, não conforme a expectativa da sociedade, mas dentro da visão dos pobres de Javé: “*Depois que João Batista foi preso, Jesus voltou para a Galileia, pregando a Boa Notícia de Deus*” (Mc 1,14s).

Assim nós também temos que ler este e qualquer texto bíblico em diálogo com a realidade do nosso povo, mas de maneira especial do povo excluído, sofrido e marginalizado, como Jesus fez. O Verbo Divino se encarnou em Jesus de Nazaré para revelar o verdadeiro rosto misericordioso do Pai e anunciar a irrupção do seu Reino no meio dos povos. Esse amor sem limites foi feito visível por Jesus por sua incondicional doação a todas as pessoas, sobretudo aos sofredores.

Pois a palavra escrita só se torna Palavra Viva, expressão do Verbo Divino, quando encarnada na realidade do povo, seguindo as opções concretas de Jesus.

Só vê quem tem o olhar certo

Até uma leitura superficial dos Evangelhos demonstra como não foi fácil enxergar a presença de Deus na pessoa do andarilho pregador, Jesus de Nazaré. O Evangelho de Marcos até nos choca quando relata que os seus próprios parentes “*foram segurá-lo, porque eles estavam dizendo que Jesus tinha ficado louco*” (Mc 3,21 – tradução da Edição Pastoral). O Evangelho de João enfatiza muito este aspecto da cegueira diante da glória de Deus manifestada em Jesus: “*Ele veio para a sua casa, mas os seus não o receberam*” (Jo 1,11). E mais adiante: “*Apesar de Jesus ter realizado na presença deles tantos sinais, não acreditaram nele*” (Jo 12,37).

A resistência em enxergar a presença de Deus em Jesus é maior ainda entre os letrados e os dirigentes da religião oficial. Quando os guardas voltaram a eles sem terem prendido Jesus, os fariseus debocham deles dizendo “*Será que ele enganou vocês também? Vocês já viram um só dos nossos chefes ou fariseus que acreditasse nele? Esse povinho que não conhece a Lei, é maldito*” (Jo 7,47-49).

Mas mesmo o povo simples tinha a mesma dificuldade. Na versão de Lucas, mesmo admirados diante das ações e palavras de Jesus, os moradores do seu próprio lugar de criação, Nazaré, o rejeitaram e quiseram jogá-lo dum penhasco (Lc 4,22-30).

Qual foi o motivo básico que impediu que tantos chefes, estudiosos das Escrituras e gente piedosa e simples não conseguiram enxergar a presença de Deus em Jesus? É que eles foram cegados pela ideologia dominante, travestida de teologia e espiritualidade, que enquadrava Deus dentro das estruturas humanas e igualando a glória de Deus com a glória dos poderes políticos. Assim se fazia de Deus um objeto a ser manipulado para manter o *status quo* e os privilégios daqueles que se outorgaram o direito de afirmar onde e com quem estava Deus e de taxar quem quisessem de maldito, de impuro, de rejeitado por ela.

Isso não é de se admirar, pois ao longo da história do povo de Deus encontramos exemplos da incapacidade das pessoas de descobrir a presença divina onde estivesse, porque não cabia dentro das estruturas religiosas oficiais, nem dentro dos seus esquemas mentais. Jacó exclamou quando despertou do sono: “*De fato, Javé está nesse lugar e eu não sabia disso*” (Gn 28,16). Mesmo alguém tão mergulhado na tradição profética de Israel, como Elias, teve dificuldade enorme em desfazer-se das estruturas falsas que enquadravam Deus diante de esquemas humanos. Depois da longa viagem de volta às origens da Aliança no Monte Horeb, Elias se prepara para um encontro com a glória divina. Num relato de beleza ímpar, o autor nos conta como passou “*um furacão que de tão violento rachava as montanhas e quebrava as rochas diante de Javé. No entanto, Javé não estava no furacão. Depois do furacão, houve um terremoto. Javé, porém, não estava no terremoto. Depois do terremoto apareceu fogo, e Javé não estava no fogo*” (1Rs 19,11s). A reação de Elias foi de espanto, pois Javé não estava nem no furacão nem no terremoto, nem no fogo, sinais tradicionais de teofonia, da manifestação da presença da glória de Deus. Mas o relato se torna mais chocante ainda quando continua relatando que, depois do terremoto, ouviu-se uma brisa suave. Quando a ouviu, Elias cobriu o rosto com o manto, pois Javé estava no lugar mais inesperado, na brisa mansa. Enquanto Elias não se desfizesse das estruturas tradicionais, que ditava onde Deus estaria e onde não, ele era incapaz de encontrar-se com Javé. Javé não se deixa enquadrar por ninguém, por nenhuma teologia, por nenhuma religião, por nenhuma Igreja. Deus será sempre o surpreendente e o seu Espírito sopra onde quer. Mesmo os primeiros cristãos tinham dificuldade em entender isso. Os Atos dos Apóstolos nos contam como o Espírito de Deus desceu sobre os membros da casa de Cornélio, antes que recebessem o batismo, e os “*fiéis de origem judaica, que tinham ido com Pedro, ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos*” (At 10,45).

Ele habitou entre nós... e está no meio de nós!

A liturgia da Igreja Católica no Brasil tem uma prática muito bonita cuja profundidade muitas vezes nos escapa, pois fica até banalizada pela repetição. Quem preside a celebração ora: “*O Senhor esteja convosco*”. Ou seja, faz uma oração, um pedido, para que Deus se faça presente no meio da comunidade celebrante. Na lógica, o povo deveria responder “*Que ele esteja!*”, reforçando o pedido do dirigente. Mas a liturgia não segue essa lógica. A assembleia responde “*Ele está no meio de nós!*” Não faz um pedido, uma oração, mas faz uma afirmação, não que Deus “*esteja*” no meio deles,

mas proclama com todas as letras a grande verdade que sustenta a sua fé, que “*ele está*” no meio do seu povo reunido. Seja na pompa duma liturgia numa catedral, seja numa celebração dum culto dominical debaixo de uma árvore no mato, seja num círculo bíblico à luz de vela num acampamento de sem-terra, a comunidade vibra – ou pelo menos deve vibrar – com a grande Boa-Nova que nos sustenta, nos impulsiona, nos motiva e nos dá coragem: “*Ele, Javé, o Deus Uno e Trino, o Resgatador (go’el) do seu povo, o Salvador, o Libertador, está no meio de nós!*”

Realmente, para o cristão, aqui não deve haver nada de surpreendente. Pois a Bíblia, repetidas vezes, afirma que onde está o seu povo, lá está Deus, lá está Jesus. “*Quando você atravessar a água, eu estarei com você e os rios não o afogarão*” (Is 43,2); “*Não tenha medo, pois eu estou com você*” (Is 43,5); “*Eis que estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo*” (Mt 28,20). Mas, ao longo dos séculos, a sensibilidade nossa diante da presença de Deus no meio de nós foi se diluindo, na medida em que a centralização do poder eclesiástico, o clericalismo (entendido como a dominação por um grupo ligado ao poder eclesiástico e não como o belo serviço do presbiterato) e a aliança com o poder secular “sequestrou” o Deus da tenda e o colocou firmemente no Templo, onde o acesso a Ele tinha que ser mediado por uma estrutura eclesiástica e clerical que efetivamente enquadrava Deus no Templo, e fez que a sua presença real no meio do povo fosse esquecida na prática, se não na teoria. Este processo já tinha suas raízes na Bíblia. O Rei Davi, logo que se estabeleceu no poder em Jerusalém, já inventou o projeto de construir um Templo para Javé, ostensivamente por motivos de sensibilidade religiosa, mas de fato para concentrar tanto o poder religioso como o político em suas mãos. Mas, através do profeta Natã, Deus desmascarou essa tentativa de usar a religião para fins políticos quando disse: “*Eu não morei em casa nenhuma desde o dia em que tirei os filhos de Israel do Egito, até hoje. Sempre andei errante sob uma tenda e um abrigo. Durante todo o tempo em que caminhei junto com os filhos de Israel, por acaso eu disse para algum dos juízes de Israel, que estabeleci como pastores do meu povo ‘porque você não constrói uma casa de cedro para mim?’*” (2Sm 7,6-7). Ao longo das páginas do Antigo Testamento sempre encontramos essa tensão entre a Tenda e o Templo – dois aspectos da presença de Deus que devem estar em equilíbrio. A classe dominante sempre insistia na consciência da presença de Deus no Templo, e os profetas zelavam para que não se apagasse da memória do povo que a experiência fundante de Israel era com o Deus da Tenda!

Na Igreja Cristã, nos seus primórdios, isso não era problema, pois o povo atribulado e marginalizado das comunidades perseguidas estava mais do que consciente que Deus estava no meio deles. O problema surgiu de novo depois que o cristianismo se tornou primeiro uma religião legítima no Império Romano com o Edito de Milão em 314 dC e, depois, a religião oficial do maior Império da história, com o decreto do Imperador Teodósio em 381. A Igreja saiu das catacumbas e passo por passo foi para os palácios. Construíram-se templos impressionantes e luxuosos para celebrações litúrgicas suntuosas. Cresceu o poder do clero e aumentou-se a distância entre esse e o povo simples. Durante séculos isso foi aumentando até chegar a ponto de identificar o Estado com a religião cristã – passamos do cristianismo à crmandade. O problema não

foi de ter Igrejas belas e liturgias solenes e bem executadas – elementos mais do que legítimos, pois o culto comunitário no templo deve brotar e reforçar a experiência do povo da presença de Deus no seu dia-a-dia. O entrave foi que, com essa identificação crescente da Igreja com o poder civil imperial e dominador, na prática se esqueceu a presença de Deus no meio dos pobres, estropiados e sofredores e se fez de Deus um instrumento da dominação do Estado.

Mas o Espírito nunca deixa apagar a memória do Êxodo, a experiência fundante do povo de Deus, onde se revelou o Deus “*que desceu para libertar*”, que mais tarde “*armou sua tenda no meio de nós*” e que está sempre no meio do seu povo. Figuras proféticas sempre surgiam, como Bento de Núrcia, Francisco e Clara de Assis, Joaquim de Fiore, Pedro Valdo, Bruno Giordani, Vicente de Paulo e muitos outros, que rejeitaram a aliança com os poderosos e testemunharam em palavra e ação que Deus está especialmente no meio das pessoas sofredoras, pobres e abandonadas.

A mesma tensão continua até hoje em quase todas as Igrejas. De um lado estimula-se a formação de comunidades eclesiais de base (seja com esse título ou outro não importa), com protagonismo de leigos e leigas, e uma opção concreta pelos empobrecidos e marginalizados, com inserção nas lutas sociais em favor da vida. Estuda-se a Palavra de Deus de uma maneira contextualizada, redescobrimo a proposta de Jesus de Nazaré, e atualizando-a nas nossas realidades.

Do outro lado cria-se, especialmente através dos Meios de Comunicação de Massa, a visão dum Jesus alienado e alienante, prega-se um clericalismo que concentra o poder religioso nas mãos de um pequeno grupo, dissemina-se a teologia da prosperidade, garantindo que a riqueza e o consumismo são sinais da presença de Deus – longe da pregação de Jesus de Nazaré que disse que ele veio “*para pregar a Boa-Nova aos pobres*” (Lc 4,18), que disse no Sermão da Planície “*Felizes vocês os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence*” (Lc 6,20). Celebram-se liturgias alienadas com cantos adocicados, sem consequências práticas na vida dos fiéis. Parece muitas vezes que estamos realmente passando pelo que o grande teólogo Karl Rahner chamou “o inverno da Igreja”, longe da “primavera” da visão do Papa João XXIII, na Igreja Católica. Nota-se certo desânimo em muitas comunidades, uma incapacidade de ver onde Deus está no meio de tudo isso.

Assim se torna muito importante ter a capacidade de ver a Shekiná nas nossas realidades! Não em colunas de fogo, nuvens luminosas ou furacões, mas na luta silenciosa e humilde de tantos cristãos para a criação dum mundo de solidariedade, de mais justiça, paz e harmonia. Naquela comunidade pequena reunida embaixo da árvore para um culto dominical, no esforço de milhares de ministros/as em transmitir a Palavra de Deus, na dedicação de milhares de catequistas, na luta diária de pais e mães cristãs para criar as suas famílias imbuídas de valores cristãos, lá está a presença de Deus. Na luta pela vida, pela Reforma Agrária, contra transgênicos e projetos faraônicos que somente favorecem os grandes e não o povo – lá temos que ter o olhar certo para ver a presença de Deus. Na defesa dos índios, dos drogados, dos portadores de Aids, do meio ambiente, lá Deus está. Mas precisa o colírio da fé nos olhos para enxergar isso.

Felizmente, em todas as Igrejas há sinais positivos – a Conferência de Aparecida conclamou todos para “*uma renovada opção pelos pobres*”, apesar de empecilhos oficiais em certas igrejas, evangélicos, católicos e pessoas de todas as religiões ou de nenhuma, colaboram em projetos em favor da vida. Precisamos de momentos de concentrações grandes, de liturgias excepcionais, de celebrações em massa, para animar ainda mais essa luta. Mas é no dia-a-dia da caminhada humilde e perseverante das comunidades que o Reino vai se erguendo. Embora possa parecer inútil, sem muito resultado, temos que ter a certeza que “Ele está no meio de nós”, como estava na vitória do Êxodo e na derrota do Exílio, no consolo da Transfiguração e no sofrimento da Cruz, e por isso poder proclamar com Paulo: “*Se Deus está a nosso favor, quem estará contra nós?*” (Rm 8,31).

A Shekiná visível deu coragem para o Povo de Deus na sua caminhada no deserto. A manifestação de Deus para nós hoje não é menos real, embora tenha outros contornos. Essa certeza tem que ser cada vez mais alimentada pela leitura orante contextualizada da Palavra de Deus, pela celebração da fé em comunidade no culto, e pelo engajamento na luta pela vida. Assim, a partir da experiência real das nossas vidas, podemos exclamar com o autor das últimas palavras escritas do Antigo Testamento, quando, olhando toda a história do povo pôde afirmar: “*Sim, ó Senhor! De todos os modos engrandeceste e tornaste glorioso o teu povo. Nunca, em nenhum lugar, deixaste de olhar por ele e de “socorrê-lo”*” (Sb 19,22). É a grande realidade da Boa-Nova: “*Ele realmente está e sempre estará no meio de nós*”, pois o verdadeiro Deus “*se fez homem e armou a sua tenda entre nós*” (Jo 1,14).

Tomaz Hughes
Rua Baltazar Carrasco dos Reis, 887
80215-160 Curitiba, PR
thughes@netpar.com.br